

“ESPERANÇA FEMINISTA”: UMA RESENHA

“ESPERANÇA FEMINISTA”: A REVIEW

Isadora Dourado Rocha¹
Gessica Priscila Arcanjo da Silva²

RESUMO: Como nossas atitudes podem se direcionar ao enfrentamento dos sistemas de opressão é o mote do livro *Esperança Feminista*, lançado em 2022 por Debora Diniz e Ivone Gebara. O livro desenvolve as epistemologias feministas a partir de relatos distantes, próximos e pessoais à luz da conjuntura política e social atual como enquadramento de reflexão e aplicação do “verbiário”. Os feminismos só se movem a partir de nossa prática: doze são os verbos imaginados como linha de ação. Nesta resenha, descrevemos ouvir, imaginar, aproximar, acalantar, lembrar, reparar, recriar, celebrar, compartilhar, perguntar, falar e desobedecer como uma nova gramática ético-política de meninas e mulheres.

ABSTRACT: How our attitudes can be directed towards confronting pressure systems is the motto of the book *Esperança Feminista*, released in 2022 by Debora Diniz and Ivone Gebara. The book develops feminist epistemologies from distant, close and personal accounts in the light of the current political and social conjuncture as a framework for reflection and application of the “verbiary”. Feminisms only move on from our practice: twelve are the verbs imagined as a line of action. In this review, we describe the verbs to listen, imagine, approach, cherish, remember, repair, recreate, celebrate, share, ask, speak and disobey as a new ethical-political grammar of girls and women.

PALAVRAS-CHAVE: feminismo; verbos; ética; política.

KEYWORDS: feminism; verbs; ethic; policy.

SUMÁRIO: 1. Introdução. 2. Os doze verbos. 3. Conclusão.

1. INTRODUÇÃO

É no desafio da ressignificação das palavras que Debora Diniz e Ivone Gerbara nos apresentam um verbiário feminista. “Verbiário” é a palavra criada por elas para designar um conjunto de verbos. O objetivo não é elaborar uma definição estanque do que é ser feminista: não pretendem fazer dos doze verbos um rol manual, mas expandir, a partir deles, a ação feminista como política de ética e esperança.

Para este compromisso ético-político, a esperança é a fagulha no sentido de nos movermos para dias melhores, em contínuo dismantelo ao patriarcado. E para movimentar em cada uma de nós - em suas diversidades - a esperança, Debora e Ivone propõe como práticas necessárias aos feminismos o ouvir, o imaginar, o aproximar, o acalantar, o lembrar, o reparar, o recriar, o celebrar, o compartilhar, o perguntar, o falar e o desobedecer. Estes verbos estão em constante relação no livro, em reflexo de como podem estar no vivido.

¹ Mestranda em Direito, Estado e Constituição na Universidade de Brasília (UnB). Especialização em Ordem Jurídica e Ministério Público (FESMPDFT). Especialização em Direito Material e Processual das Famílias e das Sucessões (ATAME). Graduada em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade de Brasília (UnB). Advogada de famílias e sucessões. Mediadora de conflitos. Tem interesse nas áreas de direito das famílias e gênero. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7067045077384930>

² Advogada, mestranda em Direito, Estado e Constituição pela Universidade de Brasília (UnB). Pesquisadora vinculada ao grupos Asa Branca de Criminologia (UNICAP/UFPE). Especialista em Direito pela Escola Superior da Advocacia (ESA/PE). Tem interesse nos temas: justiça restaurativa, sistema de justiça, criminologia crítica e racismo. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2433517576167993>

2. OS DOZE VERBOS

Diferenciando os verbos **ouvir** e escutar, Diniz e Gebara iniciam o livro. Para as autoras, ouvir é um ato passivo, enquanto escutar requer treino, sensibilidade e deixar-se ser afetada pelo encontro. A personagem da escutadeira, àquela que sabe escutar, acompanhará todos os verbos feministas. Diniz parte do encontro com outras mulheres, em grupos de consciência, como sugestão de desenvolvimento da sensibilidade de escutar. Nesse sentido, quanto mais diversas as mulheres em sua história, local e vivência, melhor escudarias poderão ser formadas, visto que o confronto remexe as raízes do praticado em nós. Para Gebara, o ponto de partida são as escolhas sobre o que ouvimos e quem são os sujeitos da nossa audiência. As autoras se encontram no chamamento à escuta da verdade das mulheres como maneira de aproximar os corpos, de fazer política a partir do que as mulheres dizem e criar uma coletividade para uma vivência feminista, um movimento político feminista.

Saber e **imaginar** se distinguem. O saber vem dos livros, do estudo científico, como forma de teorizar a vida. Imaginar é uma força construtiva que possibilita trazer à realidade aquilo que ainda não existe. A imaginação feminista é provocada pelo assombro frente a opressões e desigualdades. Sua prática faz com que desaprendamos o que o patriarcado naturalizou em nós, por isso requer ternura para compreensão de outras realidades e acolhimento com o nosso processo de descoberta. Imaginar precede a desimaginação e na esperança feminista, desimaginar é lutar contra as perversidades do mundo monolítico. As escritoras nos apontam para o roubo da imaginação que acontece na imposição de uma forma de viver a vida, impedindo que a outra possa viver e pensar por si mesma — exatamente o que o mundo patriarcal faz ao impor papéis de gênero, regras e formatos de vida. A imaginação rompe com essas regras. É um processo contínuo de rompimento e reinterpretação da sociedade, da teologia, da filosofia, da linguagem. Imaginar é pensar o amanhã e trabalhar no hoje para realizá-lo.

O caminho da imaginação e da desimaginação para e a realização no feminismo nunca é solitário, contudo, a **aproximação** com outras e com nossas verdades interiores causa estranhamento. Diniz explica o estranhamento como a técnica etnográfica de pôr a si mesma em dúvida, desarrumando as verdades que o patriarcado construiu em nós. A tomada de consciência feminista é um desfazer e refazer doído, mas Gebara entende que a dor é construtiva, e se os medos e incapacidades dificultam o estranhamento, a aproximação feminista irá acontecer no coletivo. Na aproximação está a força da política feminista para liberdade individual, provocando a outra a enxergar o mundo com suas próprias lentes, para reinterpretação do mundo.

Para nos aproximarmos do lugar de afago e cuidado do outro, construído socialmente para mulheres — quanto mais vulnerável a posição da mulher, como as mulheres negras, mais o espaço de cuidado é reforçado — a alegoria da mãe ninando sua criança marca o início do verbo **acalantar**. Na esperança feminista o acalento aparece como verbo pronominal. Acalantar-se é autopreservação, é sobreviver ao patriarcado. O acalento de si vem após o estranhamento do patriarcado em nós já que para me acalantar eu preciso saber onde dói. Em todos os verbos o autoconhecer-se é valorizado. Gebara insere o verbo acariciar como dimensão do acalento. Para ela, na política feminista acariciar assume a forma de palavras, na leveza do acolhimento ou na rjeza do confronto, como um chamamento à mudança. As palavras acariciantes feministas despertam o desejo de romper com a obediência, mas isso não ocorre instantaneamente: como nos demais verbos, acariciar-se e autoconhecer-se leva tempo. Para as autoras, acariciar é buscar a liberdade, é o caminho do feminismo.

Lembrar é um ato político de opor-se aos poderes hegemônicos da circulação da história única. Para desafiar as narrativas patriarcais é preciso definir as perguntas a serem feitas. Diniz relembra a história familiar de sua tia-avó como exemplo metodológico de como contestar o patriarcado e centralizar o testemunho de mulheres e meninas na produção da história, ainda que as verdadeiras testemunhas dos fatos não possam narrar por si. Lembrar nos permite reinterpretar o passado por meio do presente. Na política feminista a narrativa oral também é um instrumento disruptivo, sobretudo porque o registro da vida das mulheres raramente está à disposição do feminismo - enquanto escolha daqueles que tem poder de descrição e arquivo da história. Lembrar não é um ato desinteressado, contrapor-se à amnésia patriarcal passa pelas escolhas sobre quem lembrar. Trazer a memória daquelas que são esquecidas é criar uma historiografia feminista.

Esta lembrança auxilia na construção de duas dimensões do verbo **reparar**. A primeira dimensão é a do miudinho da observação, do olhar atento e é por aí que Debora Diniz entende que começa a reparação feminista; quando uma mulher se afeta pela outra: esse afetar ocorre por “reparar” o sofrimento. Reparar é testemunhar. Na outra dimensão, o reparar tem a ver com remendar, consertar, refazer as coisas e nesse sentido, a reparação pode ser coletiva e estrutural. Gebara olha para reparação como um ato de autorreparação, em suas palavras “reparação interior”. Segundo Ivone, as violências sofridas operam uma revitimização e culpabilização da vítima, e o perdão, que não é trazido como um dogma religioso, mas um dom dado a si, nos liberta das amarras da vitimização. Esse processo de autorreparação requer o reconhecimento da agressão sofrida e nisso consiste mais um processo feminista, identificar as iniquidades. Contudo, a reparação interior só é possível por meio da dialética da amizade; é no encontro com a outra que eu consigo me encontrar e restituir aquilo que foi roubado pela violência. A esperança feminista é construída sempre em conjunto.

Para Debora e Ivone, os feminismos estarão sempre em recriação a partir da busca de caminhos entre e para as mulheres. **Recriar** está ligado à destruição do que oprime, à renovação ou reelaboração de valores, a lembrar, contar e ressignificar as que vieram antes de nós. Saindo das cozinhas, das casas, do miúdo, a prática da recriação feminista, no individual e no coletivo, cria tensão com as expressões atuais do patriarcado e traz contradições também. Relembrando Virginia Woolf - atenta às limitações classistas e raciais da autora -, Debora alegoriza a recriação do esperançar feminista à torre do conhecimento sempre em chamas. O objetivo não é a procura de se tornar autoridade, de se tornar voz de mando, de cristalizar verdades, de se tornar teoria crítica desatenta às diferenças, às opressões. Relembrando Carolina Maria de Jesus, que fez da própria experiência a narrativa de seus livros, Ivone nos evoca à recriação da própria vida e existência posta em prática.

Este sentido dado ao recriar se conecta ao próximo verbo: **celebrar** é a prática feminista no sentido da busca de condições de vida em dignidade para as diversidades de existências. Para Ivone, o celebrar não é descompromissado: o compromisso de que a vida possa ser melhor para mim não prescinde do compromisso para com a vida melhor das outras, nas especificidades dos entrecruzamentos de sistemas de opressão. Relembramos as lutas para conquista de direitos e, em luto partilhado, também as violências sofridas e suas estratégias de sobrevivência. Para Debora, em celebração, aparecemos, e, quando em assembleias de corpos, nos postamos em locais que representam dominação sobre nossos corpos - a praça pública, o fórum, a câmara. O celebrar não é idealizado: haverá contradições, haverá escorregões nossos em táticas de controle do patriarcado. Em união contrária à solidão que nos coloca o patriarcado, seremos também cutucadas sobre os entremeios do patriarcado em nós, e celebraremos o aprendizado, buscando o fazer melhor juntas. O celebrar não é idealizado porque também haverá reação, força, violência, virulência do patriarcado na rua ou em casa. Mas o medo desta reação é também instrumento de controle

a ser também enfrentado para que inunde a alegria de lutarmos pelas possibilidades de vidas em diversidade.

Debora e Ivone trazem a inquietação de como **compartilhar** as reivindicações e como partilhar as conquistas é escolha ética rumo ao **esperançar feminista**: a atenção aqui na partilha é no fato de que não estamos atravessadas pelas mesmas vulnerabilidades. Debora questiona a narrativa do feminismo civilizatório, de universalidade das conquistas passadas, tendo em mente a insuficiência, para reivindicar e para dividir, só da existência sexada no feminino. Ambas ressaltam que na partilha das diferenças é que se pode subverter o poder, buscando novas formas de convivência e sobrevivência. Compartilhar pressupõe escutar verdadeiramente a dor da outra, sabedora de que a “mudança” só no individual é partilha indesejada, já que está situada nos mesmos marcos de poder patriarcais.

O **perguntar** feminista pressupõe novamente estranhamento com o mundo desigual, com respostas que oprimem mulheres. É uma atividade que busca a criação de novos valores, de novas relações. As perguntas podem ser bem simples, mas temos de aprender a perguntar fora do marco patriarcal. Este aprendizado se dá na coletividade: aprenderemos umas com as outras no encontro e no acolhimento às nossas perguntas para enunciação de respostas possíveis, precárias, sujeitas a novas perguntas. Como somos múltiplas, exercitamos o perguntar a partir de diferentes lugares: ainda assim, como enfrentaremos regimes de opressão, seremos “estraga-prazeres”. Há o risco, também, de nos vermos respondendo no mesmo marco de poder ou reproduzindo perguntas estereotipadas, discriminatórias, como a que quer saber a roupa da mulher que passou por violência. E este mesmo marco de poder não legitima todas as falas, conseqüentemente, limita existências e resistências.

Para Debora e Ivone, conjugar o **falar** parte do plural, para testemunho das nossas existências, das nossas diferenças, das opressões a que somos submetidas. Não só a boca fala: todo o corpo comunica e pode ser utilizado para o encontro na partilha e para o desafio do poder. Desafiando-o via prática do **desobedecer**, mesmo fazendo-se de obediente, movendo-se dentro das limitações - como conta Debora fazer Ivone em desafio à moral patriarcal católica que a impedia de emitir seu posicionamento sobre os direitos sexuais e reprodutivos de mulheres.

Sobre a prática do desobedecer, Ivone pontua que a desobediência não se sustenta sem a obediência, e essa, em sua etimologia, possui um aspecto relacional, envolve sempre respeitar, ouvir com atenção. Porém, os sistemas de opressão - em relações familiares, relações amorosas, relações de trabalho ou de fé - podem subverter o significado primeiro da obediência num sentido do não ouvir, despossuir, excluir, não nos cuidar. No corrente, desobedecer é contrário a obedecer a regras de imposição e violação contra o bem comum. O desobedecer conjugado na esperança feminista é a ruptura com a obediência patriarcal. Nesse sentido, “desobedecer é reinventar a vida”³, sem perder de vista a sempre necessidade de recriação, atentas às perguntas feministas, para minar o risco das palavras de ordem de um feminismo messiânico.

3. CONCLUSÃO

Engana-se quem supõe encontrar no livro a definição da “esperança feminista”. A obra, marcada por ações políticas posto exceder a esfera privada, confronta a hegemonia dos

³ DINIZ, Debora; GEBARA, Ivone. **Esperança Feminista**. 1. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2022, p. 266.

poderes, inclusive o feminismo civilizatório convocando à autorreflexão politizada, e apontando caminhos para que as leitoras imaginem possibilidades outras, ampliem e definam seu verbiário feminista.

REFERÊNCIAS

DINIZ, Debora; GEBARA, Ivone. **Esperança Feminista**. 1. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2022.

COMO CITAR ESSE ESCRITO

ROCHA, Isadora Dourado. DA SILVA, Gessica Priscila Arcanjo. Esperança Feminista: uma resenha. **Revista Direito e Feminismos**. Salvador, vol.1, nº2, p. 1-5, dez. 2022.

REVISTA DIREITO E FEMINISMOS

Recebido em: 14.07.2022

Aprovado em: 21.12.2022
